

**Inscrições Romanas de Bemposta — Penamacor
(Beira Baixa)**

Quem, da *Ponte de S. Gens* seguir a estrada com destino a Penamacor, encontra muito próximo de Pedrógão de São Pedro um pequeno ramal à sua direita, que conduz a Bemposta, freguesia do concelho de Penamacor.

Há já alguns anos que esta região era conhecida pelos inúmeros vestígios arqueológicos da época romana ⁽¹⁾ e assim quando do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, tivemos oportunidade de nos deslocarmos em comissão de trabalho a esta localidade, identificando assim as duas inscrições romanas a *Bandis Isibraia* já publicadas por D. Fernando de Almeida ⁽²⁾ e paralelamente descobrir mais quatro, estas ainda inéditas, e que nos propusemos estudar num conjunto mais vasto, incluindo também as que já se encontravam publicadas ⁽³⁾.

Está de parabéns o povo de Bemposta, que em tão boa hora se opôs à saída da sua terra, os valores arqueológicos aqui encontrados, reunindo-os assim num enquadramento histórico onde se encontra a Torre Medieval desta localidade e que poderá pela certa ser o embrião de um futuro Museu Local.

I — Fotos 1 e 2

Ara de granito róseo pouco granulado, com forte pátina. Fragmentada no topo. O campo epigráfico é separado da base por três filetes.

Foi estudada e publicada por D. Fernando de Almeida, assim como a número dois. As restantes encontravam-se ainda inéditas.

Tem de altura 68 por 28 de espessura. O campo epigráfico mede 36 × 25 ⁽⁴⁾.

BANDI / ISIBRAIEGVI / CILIVS / CAMALI / F(*ilius*)
V(*otum*) S(*oluit*).

Cílio, filho de Camalo, cumpriu o voto a Bandis Isibraigo.

Altura das letras: 1.1: 4/4,8; 1.2: 3,5/4; 1.3: 4/4,1; 1.4: 4/4,2; 1.5: 4/4,1.

Espaços interlineares: 1: 4; 2: 3; 3: 2,3; 4: 2.

Bibliografia: Fernando de Almeida, *Mais divindades Lusitanas do grupo Band*. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III Série, n.º 19, 1965, p. 20.

José d'Encarnação, *Banda uma importante divindade indígena*. Conímbriga, Vol. XII 1973, p. 206.

José d'Encarnação, *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa 1975, pp. 131-132.

Maria de Lourdes Albertos e Mário Pires Bento, Testemunhos da ocupação romana na região de Meimoa — Beira Baixa. Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueologia. Vitória — Espanha 1975, p. 1208.

A paginação da inscrição como a sua gravação não foi cuidada pelo lapicida. Na linha 1 o B, assim como o I da 1.2 já desapareceram. As restantes letras encontram-se gravadas a maior profundidade.

A linha 4 encontra-se inclinada para a esquerda, enquanto que o vértice do M vem até ao nível da linha.

Estamos pois perante uma das aras a *Band* publicadas por Fernando de Almeida (5), sendo o seu culto fortemente testemunhado na Península Ibérica.

É provável que este teónimo esteja ligado a determinada região como divindade de uma povoação ou tribo, podendo ter características étnicas regionais consoante o local onde é venerado (6), que como disse José Leite de Vasconcelos (7), o «elemento *Band* encontra-se numa área de antropónimos célticos e contém a ideia de *ordenar, proibir*».

É ainda baseando-nos em A. Garcia y Bellido (8), que notamos a sua distribuição numa área de antropónimos e teónimos indo-europeus, o que nos demonstra cada vez mais uma origem celta.

Quanto ao epíteto, ele poderá ter também papel fundamental na caracterização da divindade, atendendo a que o mesmo poderá tratar-se de um epíteto de natureza geográfica,

como é frequente em várias divindades indígenas desta região ⁽⁹⁾.

Na parte lateral da ara, encontram-se gravadas as letras GVI (Foto 2) ao mesmo nível da linha 2 e que poderá ser a continuidade do epíteto, revelando-nos uma forma por demais conhecida nas divindades indígenas cultuadas nesta região. Assim achamos por bem ler *Isibraigui*, com dativo pré-céltico em *-ui* por *Isibrai* ⁽¹⁰⁾.

Apresenta ainda esta inscrição a base com um espigão bastante pronunciado e que deveria servir para enterramento no solo. Caso idêntico foi observado numa inscrição de *S. Martinho* (Castelo Branco) e identificada por A. Batista e Manuel Leitão ⁽¹¹⁾.

O dedicante da ara *Cilio* é um indígena bastante documentado na região, sobretudo em Idanha-a-Velha ⁽¹²⁾, Fundão, e ainda em Santa Cruz de la Sierra ⁽¹³⁾.

O nome *Camalo* é provavelmente celta e muito frequente em inscrições peninsulares. Está registado em Idanha-a-Velha ⁽¹⁴⁾, S. Pedro do Sul ⁽¹⁵⁾, Covilhã ⁽¹⁶⁾, Conímbriga ⁽¹⁷⁾, Monsanto ⁽¹⁸⁾ e Guimarães ⁽¹⁹⁾ correspondendo à zona oeste peninsular.

II — Foto 3

Ara votiva de granito muito granuloso, apresenta pátina cinzenta. Capitel elegante com dois toros, um de cada lado. O da direita encontra-se fragmentado. Mulduração aprumada no capitel e grosseira na base. Campo epigráfico fragmentado nas arestas.

Dimensões: 91 × 54 × 18. Campo epigráfico: 60 × 54.

[M]ATER[N]/VS M[AE]/LON[IS] / F(*ilius*) BA[N]DI
IS(i)B [RA(i)] / V(*otum*) S(*oluit*) L(*ibens*) [M(*erito*)].

Materno filho de Maelo, cumpriu de boamente o voto ao mérito de Bandis Isibraia.

Altura das letras: 1.1: 5,5/6; 1.2: 4,5/5; 1.3: 5,5/6; 1.4: 6/6,2; 1.5: 6/6,1; 1.6: 4/4,5.

Espaços interlineares: 1: 1,6; 2: 2; 3: 1,2; 4: 2; 5: 1,4.

Bibliografia: Fernando de Almeida, *Mais divindades Lusitanas do grupo Band*. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III Série, n.º 9 1965, p. 21.

José d'Encarnação, *Banda uma importante divindade indígena*. Confimbriga, Vol. XII 1973, p. 206.

José d'Encarnação, *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa 1975, p. 132.

A gravação é perfeita, e apesar da inscrição se encontrar fragmentada, não apresenta dificuldades na reconstituição.

Tudo indica que o lapicida teria cometido algum erro na gravação das últimas duas linhas, pelo que teve de picar novamente o campo epigráfico nesse local, resultando assim um nível diferente na inscrição.

Casos idênticos podem ser observados na epigrafia de Idanha-a-Velha.

Foi, baseando-se nestas duas inscrições, que José d'Encarnação ⁽²⁰⁾ afirmou: «Como já disse, para esta hipótese se considerar válida, o nome deveria ser invocado sob um só epíteto no mesmo local. E é o que aconteceu.

Demonstram-nos em primeiro lugar as duas inscrições de Bemposta estudadas por D. Fernando de Almeida».

Hoje com a descoberta de uma nova ara a *Band Vorteaecio* ⁽²¹⁾, cremos que tal não poderá corresponder, visto ser já conhecida uma outra também a *Band*, com o mesmo epíteto, mas de local diferente ⁽²²⁾.

A presente que estudamos, trata-se de um monumento de interesse, porque além de ser a segunda inscrição a *Bandi Isibraia* encontrada no mesmo local, ela documenta uma vez mais a aculturação antroponímica: o pai usa ainda um nome celta, enquanto que o filho adoptou por um antropónimo latino.

Materno é um cognome latino muito frequente nas áreas célticas do mundo Romano ⁽²³⁾ e muito frequente na Península Ibérica ⁽²⁴⁾.

Maelo é bastante conhecido na Lusitânia, fora da qual ainda não foi encontrado ⁽²⁵⁾. Parece tratar-se de um nome

celta ⁽²⁶⁾, embora coincidindo com um gentílico romano na opinião de João Luís Vaz ⁽²⁷⁾.

III — Foto 4

Fragmento de uma ara de granito pouco granulado, apresentando apenas parte do fuste e capitel.

Dimensões: 40 × 28 × 16. Campo epigráfico 22 × 16.

VIRIV/S • ALLV/[QVI]V • F(*ilius*) [...]

Virio filho de Aluquio...

Altura das letras: 1.1: 4/4,2; 1.2: 3,6/4; 1.3: 4/4,3.

Espaços interlineares: 1: 1,2; 2: 1,3.

Inédita.

A ara encontra-se muito bem paginada e gravada. O lapicida teria utilizado aqui todo o campo epigráfico como nos leva a crer pela disposição das duas primeiras linhas que ainda restam. É de salientar ainda o seguinte:

L.1: Os VV apresentam menor abertura em relação ao V da linha 2.

L.2: A terminação em triângulo das arestas horizontais dos LL.

L.3: A fractura da inscrição nesta linha, apenas nos permite reconstituir o antropónimo *Aluquio* e a abreviatura de *filius*.

Virio é um nome hispânico registado sete vezes na Península; próximo do Porto ⁽²⁸⁾, Lamego ⁽²⁹⁾, Idanha-a-Velha ⁽³⁰⁾, Sevilha ⁽³¹⁾, Valência ⁽³²⁾ Oviedo ⁽³³⁾ e Santiago de Compostela ⁽³⁴⁾. Existem ainda outros nomes de radical *vir-*, que Untermann recolhe. Veja-se ainda a sua obra sobre a difusão dos mesmos ⁽³⁵⁾.

Se *Virio* nos situa numa onomástica conhecida, o mesmo não poderá dizer-se de *Aluquio*, tratando-se de um nome pouco conhecido na região, sendo apenas documentado em Idanha-a-Velha ⁽³⁶⁾. Holder aponta-o como Ibérico. Contudo S. Lambrino diz ser celta,, atendendo a que o mesmo vem associado a nomes de raiz celta.

IV — Foto 5

Fragmento da parte superior de uma ara, conservando ainda quatro linhas sendo possível identificar apenas dois antropónimos.

É em granito de grão grosso com forte pátina cinzenta.

Dimensões: $42,5 \times 30 \times 16$.

CARPA / [T]ONG[I(i)] F(*ilia*) / [...] VAN [...] / O. [...]
Carpa filha de Tôngo...

Altura das Letras: 1.1: 5,8/6; 1.2: 5/4,4; 1.3: 4/4,5; 1.4:
0 = 3,8.

Espaços interlineares: 1: 2; 2: 2.

Inédita.

A paginação da inscrição é bastante boa, tal como a gravação. Na 4.^a linha há a assinalar *puncti distinguentes*.

Carpa parece tratar-se do feminino do gentílico *Carpo* ⁽³⁷⁾. Sendo o seu radical *Carp-* recolhido algumas vezes no CIL.

Tôngio é um antropónimo de raiz celta e bem documentada na Lusitânia. O seu radical parece ter a ideia de juramento ⁽³⁸⁾.

Sobre este nome veja-se Conímbriga, Vol. xvi, p. 22 ⁽³⁹⁾ e Vol. xvi, p. 61 ⁽⁴⁰⁾.

V — Foto 6

O presente monumento trata-se de uma ara de granito grão grosso, com capitel elegante mas já muito fragmentado. Apresenta ainda restos de dois toros e vestígios de fôculo. Tem 79 de altura por 22 de espessura. O campo epigráfico mede 39×25 .

PAVILINI / PA[...] / M[...] / F[...]

Altura das letras: 1.1: 3,5/4; 1.2: 4/4,2; 1.3: M = 3; 1.4:
F = 4.5.

Espaços interlineares: 1: 2,2; 2: 1,4; 3: 2,4.

Inédita.

Paginação pouco cuidada.

A gravação deveria ter sido nítida, contudo com o desgaste do campo epigráfico, não nos permite uma melhor leitura.

Nada mais conseguimos adiantar sobre o presente monumento.

VI — Fotos 7 e 8

Ara de granito de grão fino, com vestígios de fôculo e de dois toros.

Estamos perante mais um caso de destruição de inscrições e que a outras da nossa região já aconteceu por várias vezes ⁽⁴¹⁾. Foi toda ela picada, sendo hoje impossível identificar a respectiva inscrição.

Trata-se pois necessário de salvaguardar as riquezas e os valores epigráficos não só da nossa província como também do país, a que o progresso e a ignorância teve e tem a tendência de dizimar.

Tudo faremos para que não se venha a empobrecer o nosso Património e conscientes de que este pequeno escrito servirá para o conhecimento dos valores epigráficos de Bemposta, ficamos esperançados de que as Autarquias Locais algo farão para o não perder. À Câmara Municipal de Penamacor caberá a última palavra.

* R. da Matadouro, 57
6000 Castelo Branco

MANUEL LEITÃO *

Sócio da Sociedade de Antropologia e Etnologia

** R. da Sr.^a de Mércules, 122
6000 Castelo Branco

LUÍS BARATA **

NOTAS AO TEXTO

(41) Fernando de Almeida, *Mais divindades Lusitanas do grupo Band* (= MDB). Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III Série, n.º 9, 1965, p. 20-21; José d'Encarnação, *Banda uma importante divindade indígena* (= BDI). Conimbriga, Vol. XII 1973, p. 206; José d'Encarnação, *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal* (= DIP). Lisboa 1975, p. 131; Maria de Lourdes Albertos e Mário Pires Bento, *Testemunhos da ocupação romana da região de Meimoa — Beira Baixa*. Actas del XIV Congresso Nacional de Arqueologia. Vitória — Espanha 1975, p. 1208. (2) MDB,

p. 21. (3) Não se justificaria retomá-las caso estivessem devidamente ilustradas. Agradecemos ao amigo e mestre Dr. José d'Encarnação todas as indicações que nos deu para a elaboração deste trabalho. As fotografias são da autoria de Nuno Semedo. (4) As medidas serão sempre indicadas em centímetros. (5) MDB, p. 22. (6) MDB, p. 23.

(7) José Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia* (= RL), Vol. II. Lisboa 1905, p. 317. (8) A. Garcia y Bellido, *La latinización de Hispania*. Archivo Español de Arqueología, Vol. XL 1967, p. 22. (9) DIP, p. 107. (10) GVI surge em epítetos já conhecidos também de outras divindades da região. Rectus / Rufi f(i)lius / Reve / Langa/nidai/gui v(otum) s(oluit). E assim como numa inscrição a Band; Bandei / Brileae/gui Severu/s Abruni f(i)lius / v(otum) s(oluit). (11) José Manuel Garcia e Manuel Leitão, *Inscrições romanas de S. Martinho—Castelo Branco*. Cadernos de Epigrafia, N.º 4, 1980 (no prelo). (12) Fernando de Almeida, *Egitânia, História e Arqueologia* (= Egitânia). Lisboa 1956, p. 148.

(13) Maria de Lourdes Albertos, *Nuevos Antropónimos Hispanicos* (= NAH). Emerita, Tomo xxxii, fasc. 2, 1964, p. 240. (14) Egitânia, p. 149. (15) NAH, p. 235. (16) NAH, p. 235. (17) NAH, p. 235. (18) DIP, p. 103. (19) DIP, p. 143-148. (20) BDI, p. 214. (21) José Manuel Garcia, *Contributo para a compreensão das divindades indígenas do grupo Band — Uma nova ara*. Conimbriga, Vol. xv 1976, p. 147-150. (22) João Luís Vaz, *Inscrições romanas do Museu do Fundão* (= IRMF). Conimbriga, Vol. xvi 1977, p. 8. (23) Iiro Kajanto, *The Latin Cognomina*. Helsinki 1965, p. 80 e p. 303.

(24) Emilio Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum* (= CIL). Berlin 1869. (25) NAH, p. 110. (26) T. Scarlat Lambrino, *Les inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos* (= IMLV). Arqueólogo Português, Nova Série, Vol. III 1956. (27) IRMF, p. 21. (28) CIL II, 2378. (29) CIL II, 5250. (30) Egitânia, p. 147. (31) CIL II, 1250. (32) CIL II, 3771. (33) CIL II, 5748. (34) CIL II, 2547. (35) Jurgen Untermann, *Elementos de un Atlas antroponímico de la Hispania antigua*. Madrid 1965, mapa 84, p. 189-190.

(36) IMLV, p. 34. (37) NAH, p. 237. (38) RL II, p. 297. (39) IRMF. (40) José d'Encarnação, *Epigrafia romana do Nordeste Alentejano — Nisa, Torre de Palma e Silveirona*. Conimbriga, Vol. xvi 1977. (41) A. Ribeiro e M. Leitão, *Epigrafia romana da Sr.ª da Granja — Proença-a-Velha* (Comunicação apresentada ao II Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Santiago de Compostela 1980.



Foto 1



Foto 2

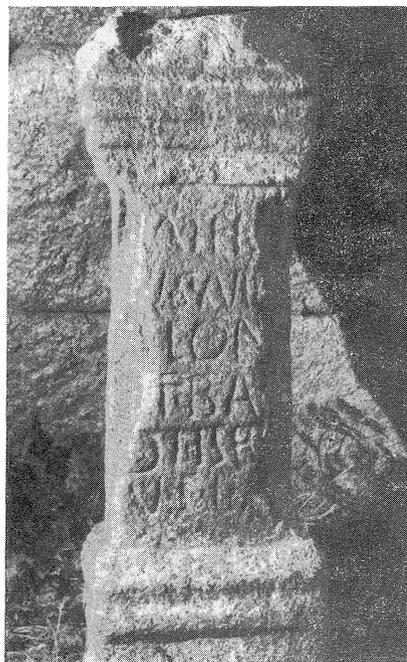


Foto 3



Foto 4

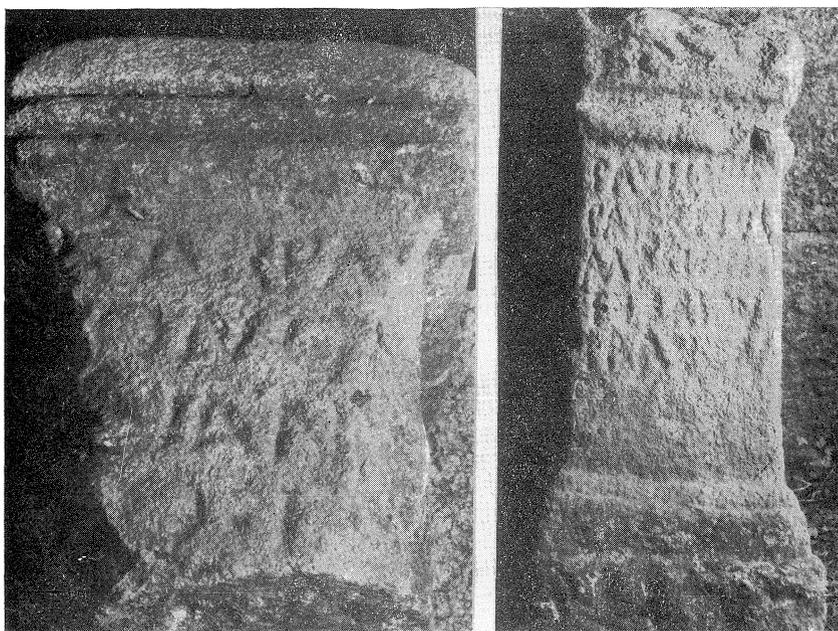


Foto 5

Foto 6

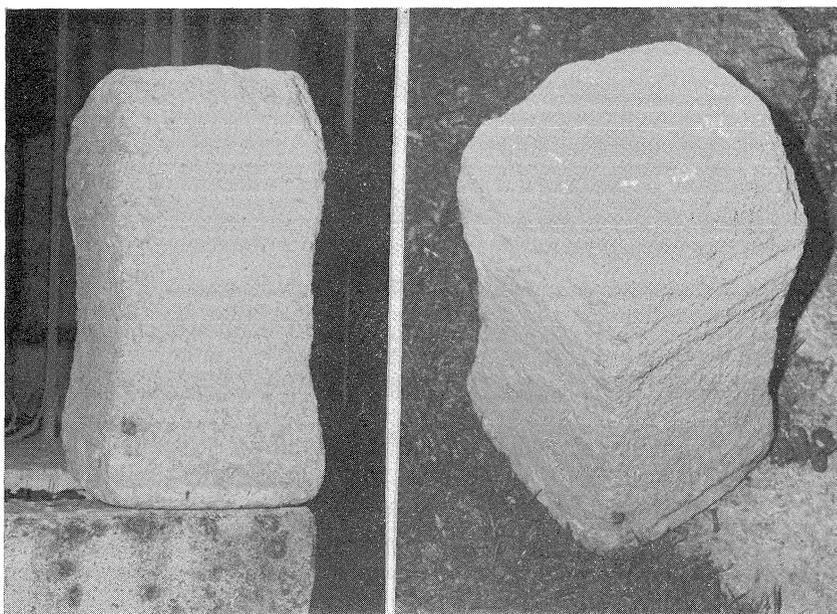


Foto 7

Foto 8

Camões jogava o chincalhão

O chincalhão, como escrevi no meu trabalho *O jogo do chincalhão*, publicado no fascículo II e III do volume 23 de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1978, págs. 301 a 321, e 1 Fig., é um jogo de cartas com variável número de jogadores empareceirados em dois grupos.

Assim se os jogadores são 4 empareceiram 2 a 2: empareceiram 3 a 3, 4 a 4, 5 a 5, se os jogadores são 6, 8 ou 10.

Joga-se com baralho de 40 cartas e sem trunfo.

A certas cartas é atribuído valor convencional em sequência decrescente desde a de valor máximo.

A série dos valores é, geralmente, formada por 9 a 11 cartas um tanto variável de região para região. Na Quinta de S. Pedro, freg. de Meirinhos conc. de Mogadouro, onde aprendi a jogar o chincalhão e muitas vezes o tenho jogado, a sequência a partir da carta de maior valor é a seguinte: *Duque* (2 de paus); *Cavalo* (valeta de paus); *Cinco ouros* (quina de ouros); *Cinco paus* (quina de paus); *Sota* (dama de espadas); *Quatro paus* (quadra de paus); *Manilhão* (sete de copas); *Manilha* (sete de ouros); *Espadilha* ou *Mata ternos* (ás de espadas).

Seguem-se os ternos, depois os duques e depois as cartas dos valores correntes.

Na Quinta de S. Pedro a série é a das 9 cartas indicadas.

Mas já em Mindelo, freguesia do concelho de Vila do Conde, a série é de 10 cartas, como se indica: *As de paus*; *As de ouros*; *Garujo* (valeta de paus); *Dourada* (dama de ouros); *Cinco ouros*; *Cinco paus*; *Bufa* (dama de espadas); *Ferro* (ás de espadas); *Carrela* (quadra de paus); *Carrelinha* (sete de copas).

Como na Quinta de S. Pedro seguem-se os ternos, os duques e as cartas dos valores correntes.

No meu trabalho citado publiquei mais duas séries, a de Guilhabreu (Vila do Conde), e a de Vila Chã e Modivas, tam-